



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Marília



**CULTURA
ACADÊMICA**
Editora

Apresentação

Mirian Cláudia Lounrenção Simonetti

Como citar: SIMONETTI, M. C. L. Introdução. *In*: SIMONETTI, M. C. L. (org). **A (in)sustentabilidade do desenvolvimento** – Meio ambiente, agronegócio e movimentos sociais. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.p7-13.
DOI:<https://doi.org/10.36311/2011.978-85-7983-140-9.p7-13>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

APRESENTAÇÃO

Os textos reunidos nesta coletânea têm por eixo norteador os temas do título A(in)sustentabilidade do desenvolvimento: meio ambiente, agronegócio e movimentos sociais, onde se procurou refletir sobre a viabilidade e as consequências do desenvolvimento sustentável no mundo contemporâneo. Edgar Morin¹, em fins do século passado, alertava para o fato de estarmos enfermos do desenvolvimento. Para o autor, ele se revela contaminante da natureza e das culturas. O que fazer? É suficiente criticar o mal desenvolvimento e redefini-lo? Procurar outro desenvolvimento, tal como desenvolvimento humano, social, sustentável, alternativo? Nesta procura por outro desenvolvimento, o esforço de re-conceituação descobre e incorpora novos adjetivos que qualificam o essencial, desenvolvimento, uma idéia tragicamente subdesenvolvida (MORIN, 1993).

Os textos se dividem em dois grandes blocos. No primeiro deles *Visões da natureza*, são apresentados temas teóricos mais amplos sobre a diversidade de visões das naturezas. No texto *Notas sobre o pensamento futuro e o saber indígena* o autor Sergio Augusto Domingues lança mão das contribuições de autores da antropologia e filosofia, com o objetivo de realizar um diálogo entre esses autores e os saberes indígenas em torno da catástrofe ecológica. O objetivo da investigação reside na possibilidade dar visibilidade a outros saberes, sobretudo os saberes dos líderes espirituais e pensadores indígenas no trato com o meio ambiente e com a natureza. Para o autor, o diálogo com os saberes indígenas sobre as catástrofes ambientais pode abrir espaço para um pensamento múltiplo, nômade e planetário.

O outro texto relativo ao tema *Visões da natureza* as autoras Maria Eunice Quilici Gonzalez e Juliana Moroni introduzem o tema *Visões de mundo: uma*

¹ MORIN, Edgar; KERN, Brigitte. *Tierra Patria*. Barcelona: Kairós, 1993.

reflexão a partir da perspectiva da Filosofia Ecológica onde estabelecem um contraponto entre a visão racionalista mecanicista e a filosofia ecológica sobre a natureza. Compreendem que o pressuposto mecanicista racionalista proporcionou um importante passo no desenvolvimento científico, porém essa visão colaborou para promover a separação entre homem e a natureza. Nesse sentido, a visão sistêmica da natureza procura re-situar o ser humano em seu nicho natural, fornecendo subsídios para o estudo da dinâmica de sua vida. Ao invés de conceber o ser humano de maneira isolada, a Filosofia ecológica indica que busque os padrões biológicos e históricos que o ligam aos outros organismos, através de uma rede compartilhada por inúmeras formas significativas de existência. Além disso, ela busca reatar o elo perdido da sua corporeidade na complexa rede dinâmica da vida. Para as autoras, a Filosofia ecológica busca repensar e alterar hábitos auto-destrutivos que direcionam os comportamentos humanos e os impedem de fazer avaliações críticas acerca das suas ações no mundo. Concluem seu texto apontando que a visão sistêmica busca situar os homens na posição de seres do mundo e da vida e não apenas de seres no mundo da razão.

O segundo bloco envolve as reflexões apresentadas entre os capítulos dois a quatro. Exceto o texto de Oliveira (2009), os outros textos foram apresentados no III Fórum de Políticas Públicas, Ambiente e Populações - A (in) sustentabilidade do desenvolvimento e o impacto sócioambiental do agronegócio da cana de açúcar no Brasil. O debate se abre com a temática *A dimensão política da questão ambiental*, cujos três textos têm por eixo central a discussão política com relação à problemática ambiental. A crescente consciência e preocupação pelo aquecimento global colocaram a questão ambiental na agenda das discussões políticas internacionais. A consciência de que a crise ambiental é global, leva à necessidade de respostas planetárias. Assim, torna-se cada vez mais evidente que as nações não podem responder isoladamente aos seus atuais desafios ecológicos. Nesse contexto Mauro Moura Leonel Junior e Julieth Aquino, no texto intitulado *O desafio continua: ambiente, política e democracia: liberais e marxistas*, apontam que diante da evidência do aquecimento global e da degradação da natureza, bem como da incapacidade dos governos em responder a esses problemas, a temática ambiental volta a exigir a discussão da democracia em escala local e global. Para os autores, há que se buscar nas discussões das teorias da democracia participativa a inserção da política na temática ambiental. Propõem um retorno ao resgate das idéias e questões dos pensadores clássicos da democracia representativa, mesmo de correntes teóricas distintas (liberais ou marxistas), pois um olhar a partir destes proporciona um diferencial na abordagem de questões tão complexas quanto problemáticas, como aquela que se tornou o principal desafio, teórico e prático, para todas as áreas do conhecimento científico, da humanidade no século XXI: recusar o desenvolvimento ou corrigi-lo, com vistas a uma nova sociedade? Diante dessas questões – desafio aos pesquisadores sociais continua, aumenta e convida a novas produções concomitantes aos conhecimentos científicos que

advertem cada vez mais fundamentada e globalmente contra os grandes riscos ambientais.

No texto *Mudanças climáticas, agricultura e injustiça ambiental* a autora Mirian Claudia Lourenção Simonetti analisa as ações propostas pelas instituições multilaterais em torno da convenção das mudanças climáticas, visando conter as emissões de gases estufa na atmosfera, bem como a busca por soluções dos problemas socioambientais. Para a autora, as discussões entre as partes se reduzem a medidas paliativas de forma a não se modificar o poder político e econômico dominante. São ações que reforçam a racionalidade e economia de mercado de maneira a se buscar novas formas para a obtenção de lucro. As medidas propostas para se reduzir os danos causados ao meio ambiente atuam no sentido de procurar corrigir os efeitos da crise ambiental apenas pela via técnica, através de impostos, protocolos, filtros, tratados, ou seja, medidas que visam não alterar a forma como a degradação ambiental vem se concretizando. Para a autora vigora entre os países que se dizem defensores do meio ambiente, tentativas de acordos para a reversão progressiva do cenário de caos ambiental internacional. Apesar da vontade de cooperar, os países ainda norteiam suas ações a partir de posições que se voltam aos interesses nacionais. Já as pesquisas científicas demonstram o progressivo caos ambiental planetário. Diante desse impasse, pondera que ou a temática do aquecimento global e os demais problemas ambientais entram de forma definitiva na agenda política dos países ou estaremos caminhando para o colapso do planeta.

No texto denominado *Relações internacionais e a questão ambiental*, os autores Tullo Vigevani e André Luis Scantimburgo afirmam que o tema do meio ambiente vem sendo utilizado como um instrumento de poder internacional tanto por aqueles que têm uma política mais agressiva contra a proteção quanto por aqueles que têm uma política mais favorável à preservação ambiental. Para os autores o balanço dessas questões não pode ser feito apenas do ponto de vista moral, ainda que a moralidade e a ética sejam muito importantes e elas mesmas instrumento de poder. Pode-se dizer que na questão ambiental será preciso inovar. A política sugere a necessidade de encontrar um campo comum, negociar, evitar a luta de todos contra todos, buscando chegar a consensos e a conclusões reciprocamente aceitáveis. A novidade maior do tema ambiental, assim como o foi o tema das armas nucleares, é que nesse terreno a permanência da anarquia e dos interesses egoístas poderia levar a prejuízos irreversíveis para todos. Pode ser que o risco desses prejuízos, por meio do próprio debate político e do desenvolvimento dos conhecimentos, possa ser superado. Nesse caso, as próprias relações internacionais estarão devendo um reconhecimento inestimável ao tema meio ambiente e fortalecerá de modo decisivo as teorias normativas nesse campo.

Na terceira parte do livro destacam-se três textos cujas discussões abordam a temática relativa *A crise ambiental e os limites do desenvolvimento sustentável*. O primeiro texto que compõe esse conjunto de reflexões, *Notas sobre desenvolvimento e ecologia*, autor Luis Francisco Corsi se propõe a realizar um balanço preliminar, a partir de uma perspectiva crítica, sobre como o problema do desenvolvimento econômico e sua relação com a questão ecológica tem sido tratado pela economia política, com ênfase nas correntes que vão da economia política clássica a economia ecológica, passando pelo marxismo e pela teoria neoclássica. Destaca dois pontos centrais: que a questão ecológica não deve ser isolada da dinâmica econômico-social do sistema capitalista, como se fosse apenas uma questão de fluxos de energia e de utilização de recursos renováveis e não renováveis ou um problema sanável pelo mercado; e que o problema ambiental está imbricado nas relações sociais que estruturam a sociedade. Também discute a viabilidade de um desenvolvimento sustentado na sociedade capitalista sobre o qual se alia aos críticos desse conceito, que tem norteado, em grande medida, as discussões e as resoluções internacionais sobre o assunto.

O texto do professor José Geraldo A. B. Poker, intitulado *Questão social e questão ambiental* discute os limites da proposta de desenvolvimento sustentável. Seu ponto de partida é a problematização da situação atual da questão ecológica por meio do termo crise ambiental. Para ele esse termo não seria adequado por sugerir que teria existido outro tempo no qual a relação entre a raça humana e a natureza teria sido absolutamente harmoniosa, quando tal relação implicaria contradição e transformação da natureza. A apropriação instrumental da natureza é outro ponto de partida do autor. Na modernidade, vários autores, a começar por Looke, legitimam o domínio da natureza pelo homem a partir da idéia do trabalho como transformador do mundo natural, o que permitiria aos homens utilizar os recursos naturais de acordo com seus interesses e necessidade sem qualquer preocupação com outras espécies e com os ecossistemas. Essas proposições perpassam todo o artigo. Desenvolvimento seria um terno tomado de empréstimo da biologia aplicado às sociedades humanas para explicar sua evolução, tendo como base um modelo racionalmente construído a partir da observação e que poderia ser aplicado para qualquer sociedade. Esse seria justamente o problema dessa concepção. Não importando como o qualifiquemos, desenvolvimento sempre teria como parâmetro as formas de organização e os padrões de consumo dos países ‘desenvolvidos’, que deveriam ser copiados pelos subdesenvolvidos que, por sua vez estariam na outra escala de uma tabela evolutiva. Mas se todos os países alcançarem o topo da evolução os recursos naturais do planeta não suportariam tamanha pressão, o que indica a contradição da própria concepção de desenvolvimento. Isto vetaria o desenvolvimento para todos, jogando o ônus da sustentabilidade, considerada como a necessidade de preservar os recursos naturais para as gerações futuras, sobretudo sobre os países subdesenvolvidos. Essa visão seria antropocêntrica e não consegue propor outras

formas de relacionamento com a natureza. A crítica a estas concepções exigiria a proposição de uma nova forma não predatória de relação com a natureza, baseada na aceitação de que o homem não é o centro da vida e do planeta terra.

No terceiro texto *A trágica sustentabilidade em um mundo sem transcendência* as autoras Fátima Cabral e Lucia Arraes Morales partem de um acontecimento “cotidiano” para discutir os sentidos das noções de ambiente e ecologia, que não são palavras neutras, mas respondem a interesses e necessidades de auto-orientação. A degradação na sociedade capitalista não é apenas ambiental, a própria sociabilidade humana está degradada. A análise pauta-se em três técnicas que mudaram o mundo e a relação com a natureza, a saber: a informática, a robótica e a genética molecular. Estas técnicas transformaram a noção de tempo, tornam o trabalho redundante, alteram a agricultura e os espaços urbanos e exacerbam a competitividade e o individualismo. O artigo crítica a idéia de sustentabilidade, que está presa ao desenvolvimento, expressão da lógica do sistema. Sustentabilidade visa o equilíbrio do capitalismo, adaptá-lo a novas situações ecologicamente insustentáveis. A questão ecológica é de toda a humanidade e exige um controle social sobre a produção e a vida. A lógica da valorização do capital é incompatível com a sustentabilidade e com equilíbrio do metabolismo do homem com a natureza.

Na quarta e última parte do livro os quatro artigos têm por eixo de discussão *O impacto socioambiental do agronegócio da cana-de-açúcar e os movimentos sociais no Brasil*. No primeiro texto, Antonio Thomas Júnior, apresenta uma profunda reflexão sobre o *Agronegócio e conflito pela posse da terra em São Paulo: a dinâmica territorial da luta de classes no campo e os desafios para os trabalhadores* onde discute a temática da expansão da cana-de-açúcar e do agronegócio sucroalcooleiro nas regiões da Alta Paulista e Pontal do Paranapanema e os seus desdobramentos sociais, econômicos, políticos, territoriais e ambientais. O autor destaca que o acelerado crescimento da cultura na região tende a reforçar a concentração fundiária, a substituição de áreas de alimentos e pastagens pela monocultura canieira e o avanço em área de preservação permanente. Destaca também as precárias condições de trabalho dos assalariados empregados no corte da cana, que, em função da ameaça do avanço das colheitadeiras, têm sido obrigados a realizarem jornadas de trabalho cada vez mais longas e extenuantes. Ao mesmo tempo, segundo o autor, assiste-se na região a um acirramento da disputa pela terra, confrontando de um lado latifundiários, e camponeses e trabalhadores, do outro, que refletem, segundo Thomaz Jr., projetos diferentes de sociedade em questão.

Na sequência Ariovaldo Umbelino de Oliveira apresenta uma profunda reflexão sobre *Os agrocombustíveis e a produção de alimentos*. Neste texto, o autor destaca os motivos pelos quais a relação entre a expansão dos agrocombustíveis e a produção de alimentos ganhou a agenda política internacional. Para o autor,

a agricultura mundial continua passando por transformações profundas, que na atualidade se inscrevem na crise financeira mundial em que o capitalismo está envolvido. O centro desta crise está no processo de mundialização que o capital gerou nos últimos trinta anos e na difusão da ideologia neoliberal. Para o autor, a crise que a agricultura está envolvida não é uma crise exclusiva da agricultura e da produção de alimentos e sim um transbordamento da crise mundial do capitalismo.

Paulo Francisco Soares Freire e Kelli Mafort, membros do MST, em artigo denominado *Agronegócio ou reforma agrária: o caso da fazenda da Barra em Ribeirão Preto/SP* realizam um contraponto entre a produção baseada no agronegócio e a produção familiar de assentados pela reforma agrária. Na visão dos autores, são dois modelos alternativos que estão em disputa no campo e na sociedade como um todo, e utilizando o estudo de caso da Fazenda da Barra, em Ribeirão Preto, mostram os impactos diferenciados da adoção destes modelos. Selecionando algumas variáveis como o uso da terra, a questão da água, o trabalho, meio ambiente, soberania alimentar e a questão social, os autores mostram a superioridade da produção familiar *vis a vis* ao agronegócio, seja do ponto de vista ambiental como econômico e social.

Concluindo o livro, José Camargo Marangoni realiza uma profunda reflexão sobre *A expansão da agroindústria sucroalcooleira em São Paulo e os seus efeitos sobre o emprego e o meio-ambiente*. O autor discorre sobre: o rápido avanço da cultura canavieira em São Paulo; sobre ter se transformado no principal ramo do agronegócio no estado; e sobre as perspectivas de expansão em um futuro próximo; as mudanças tecnológicas em curso na cultura e os impactos sobre a mão-de-obra ocupada no setor. Salienta que a regulamentação das queimadas, com previsão de término em meados da década atual, tende a causar efeitos benéficos sobre o meio-ambiente, mas por outro lado, o autor aponta que o fim das queimadas inexoravelmente levará a uma maior mecanização das colheitas, com impactos negativos sobre a ocupação agrícola, causando uma elevada dispensa de trabalhadores, sobretudo os empregados temporários, conhecidos como “volantes” ou “bóias-frias”.

O livro *A (in)sustentabilidade do desenvolvimento - meio ambiente, agronegócio e movimentos sociais* reúne textos apresentados em dois simpósios realizados pelo Centro de Estudos e Pesquisas Agrárias e Ambientais (CPEA) da Unesp, Campus de Marília. A saber, o III Fórum de Políticas Públicas, Ambiente e Populações – *A (in)sustentabilidade do desenvolvimento e o impacto socioambiental do agronegócio da cana de açúcar no Brasil*, realizado entre os dias 04 a 06 de junho de 2008 e o Debate “O lugar da natureza nas Ciências Humanas: visões da natureza”, realizado em 20 de agosto de 2009. Na elaboração dessa coletânea contei com a valiosa colaboração dos estagiários do CPEA

Adriane Camargo, Thais Souto Vieira, André Luis Scantimburgo e Vlademir Bertapeli que gentilmente colaboraram na sua organização e revisão técnica.

Como se poderá perceber, os textos reunidos nessa coletânea trazem um conjunto de contribuições bastante relevantes para enfrentar os desafios ambientais do mundo contemporâneo. Que os leitores possam se beneficiar da atualidade e qualidade dos artigos.

Mirian Claudia Lourenção Simonetti